

INTERCÂMBIO CULTURAL

A convite do "Centro Acadêmico Clóvis Bevilacqua", o Professor Doutor **PINTO FERREIRA**, eminente catedrático da veneranda Faculdade de Direito da Universidade do Recife, proferiu, no Salão das Congregações da Faculdade de Direito do Ceará, a conferência que, a seguir, publicamos.

ATUALIDADE DE TOBIAS BARRETO

PINTO FERREIRA

RETRATO DO MESTRE

A imortalidade é a perpetuação na consciência histórica da posteridade, o retrato moral e o contôrno lendário dos gênios se fixando no bronze da história. O valor da glorificação, com a estranha luz solar da inteligência, se reveste de grandeza incomparável, para superar as idades nas névoas luminosas da história. A glória é o mais alto bem da vida, na predicação lírica da beleza, da verdade, do bem, na intuição divinatória do futuro, na compreensão humana do presente, na simpatia para com os pequenos, os humildes, os sofredores.

Essa consagração pelos contemporâneos, bem a teve um dos mestres da cultura brasileira, mestre pela sabedoria, ilustração e talento, Tobias Barreto, mestiço de um talento imensamente grande, em permanente convulsão, como um símbolo das mais legítimas tradições da inteligência de um grande povo.

Na vida só existem duas coisas verdadeiramente grandes, a sabedoria e a bondade, como virtudes paralelas que de raro em raro refulgem na modelação das personalidades geniais.

A sabedoria e a bondade são as supremas fôrças do mundo, responsáveis pelo progresso moral, espiritual e econômico da civilização, na marcha para a frente da humanidade, libertada

de tôdas as cadeias que a asfixiam, em obras que cantam a liberdade, a epopéia do povo, a consciência vitoriosa, o resplendor do mundo, e concretizada nas figuras simbólicas dos grandes homens.

A definição de grande homem está feita, afirmou Eça de Queiroz, com exatidão: O grande homem é aquele que pelo raciocínio atingiu a uma maior soma de verdade, ou pela imaginação as maiores formas de beleza, ou pela ação os mais altos resultados, do que todos os seus contemporâneos na latitude do seu século. Esta obra superior em verdade, em beleza, em bondade ou utilidade, é produzida por um não sei quê que possui o grande homem, que se chama gênio, cuja natureza não está suficientemente explicada, mas que constitui uma fôrça infinitamente maior que o simples talento, o simples gosto ou a simples virtude”.

É indispensável, para ser verdadeiramente um grande homem, ter, além das fulgurações cintilantes do gênio, uma viva bondade moral, o entusiasmo sagrado pelas causas generosas da humanidade, a nobreza da personalidade e o verdadeiro espírito de sacrifício, tornando o coração simples e bom, puro e generoso. O espírito enobrecido pelo conhecimento e pela ação cria um monumento perene e sólido como o granito, límpido e puro como o cristal, que a irreverência não poderá atingir, ofuscando a sua glória resplandecente.

Tobias Barreto tinha a configuração moral, o arcabouço dos grandes homens. Tinha a fôrça impulsiva do talento, a grandeza moral que se superpunha às limitações do tempo e da civilização ambiente, o humorismo gracioso, a vasta e fértil imaginação, a ironia alada, o heroísmo da vontade para as grandes lutas e os feitos heróicos da inteligência, a bravura na batalha da bela epopéia da libertação nacional.

Poeta, filósofo, jurista, orador de raros recursos e polemista de umbrosa imaginação e sarcasmo impiedoso, professor

de uma gloriosa Academia, êle se transformou no líder autêntico de uma geração e de uma época.

O seu legado à posteridade foi radioso e fecundo. A viva coerência do seu caráter, que se transformou em uma verdadeira força moral, a inteligência incomum e renovadora, inspirando generosamente a revolução das idéias, modelando a história moral e intelectual da geração de que fêz parte, e bem assim das gerações de que foi o grande mestre, elevaram-no perante a posteridade. Só na encantadora região da sabedoria há uma pacificação permanente, o orvalho fecundo que dá às flores da inteligência mais brilho e mais doçura de aroma, e quem nela habitou nunca mais, poderá suportar o clima sulfuroso dos cálculos interesseiros, sem a boa sombra, fresca e aromática, dos altiplanos da inteligência.

A breves traços poderá ser retrçada a sua peregrinação no mundo, como um lutador e idealista. Muito jovem, uma mocidade em flor, lançou se em busca da glória, como “um pássaro humilde e solitário”, na bela linguagem de Camões, vindo de uma pronvíncia pequenina, como a de Sergipe, onde nasceu, num dia glorioso de 1839, em uma proletária casa, contrastando com o luxo peregrino e ricaço dos donos da vida, nos sobrados senhoriais e nas belas residências campestres, reluzentes no oceano verde dos canaviais.

A própria paisagem natal, com seus luares, as manhãs primaveris, as suas mangabeiras, o trescalar das guabirabas e quixabeiras, as noites estreladas, já formava o fundo ardente de uma personalidade rumorosa e tropical.

Êle mesmo pôde dizer: “A viagem de minha vida tem sido feita somente à custa dos meus esforços”. Viajando da sua terra natal, depois de uma rápida peregrinação por fora, fixou-se, bem moço ainda, no Recife, a cidade mais progressista do norte, e que transformaria no centro e na tribuna das suas lutas memoráveis.

O Recife, essa pequena Manhattan tropical, a Veneza sul-americana rebrilhando no esplendor das suas palmeiras virentes e das águas remançosas dos seus rios, tem sido a cidade valente das grandiosas epopéias liberais, onde sonhavam os nossos heróis os seus sonhos de elevado patriotismo.

Jorge Amado, no seu ensaio sobre Castro Alves, bem prefigurou a influência da encantadora cidade nordestina na história cultural do país: “Essa cidade cresceu agitada e inconformista, heróica e com certo ar aventureiro e rebelde como não o possui nenhuma das nossas cidades. Recife tem uma legenda, seu clima é um clima de luta e de futuro. Antes que qualquer outra cidade do país ela recebe, pelo mar que nela penetra, as idéias novas, os sonhos que logo depois serão realidade. Ela os acalenta no seu seio imenso de pedra. Dá-lhes o leite da inteligência dos seus poetas e sábios, dá-lhes o sangue dos heróis. Recife, a heróica, Recife, a das mil revoluções.

Em todos os tempos, quando o povo esmagado se levantava num desejo de partir cadeias, os tribunos do povo, oradores, poetas, romancistas, sociólogos, foram falar da tribuna que é a cidade sobre os arrecifes, a tribuna de onde melhor que qualquer outra a voz poderosa do povo se faz ouvir”.

Pernambuco, o berço histórico da nacionalidade, tornou-se o grande centro de agitação ideológica de Tobias Barreto, e daí ele irradiou a fecunda mensagem cultural da sua obra literária e filosófica, que ainda hoje encanta e fascina as gerações.

Grande parte da sua vida, como estudante e mestre de uma geração, esteve entrelaçada à histórica Faculdade de Direito do Recife, onde ingressou após um concurso memorável, e ali sacudiu o pó de venerandas tradições, desfraldando as bandeiras da Democracia e da Abolição, em sonhos ardentes e impetuosos, numa intuição arrojada do futuro, como um agitador e um revolucionário de idéias, que transformou a cultura, a poesia, o direito, a filosofia, em armas do povo e a serviço da sua libertação.

Em luta contra os poderosos do dia, sem fortuna e desamparado, êle morreria pobre, mas deixando à pátria o tesouro do pensamento literário, como uma estrela iluminando a noite e encaminhando o mundo pela estrada do progresso.

Desaparecendo, de todo desamparado pela fortuna, no ano de 1889, pouco antes da proclamação da República, êle deixou um grande monumento literário, a parte que ficou do seu espírito. Deixou em vida, publicados, numerosos livros e opúsculos, popularizados em elegante edição, posteriormente, pelo govêrno de Sergipe (1925-1926), e abrangendo as seguintes obras: "Ensaíos e Estudos de Filosofia e Crítica" (1ª edição, 1875). "Dias e Noites" (1ª edição, 1881), "Estudos Alemães" (1ª edição, 1883), "Menores e Loucos" (1ª edição, 1884), "Discursos" (1ª edição, 1887), "Questões Vigentes de Filosofia e Direito" (1ª edição, 1888), "Polêmicas" (1ª edição, 1889, com o título "Self-Government", compreendendo tão só a discussão com José Higino), "Estudos de Direito" (publicação póstuma feita por Sílvio Romero, e abrangendo todos os seus estudos sôbre a ciência do direito) e, afinal, "Vários Escritos" (obras póstuma). De mais a mais, publicou diversas brochuras em língua alemã, que escrevia admiravelmente bem, chamado mesmo pela "Gazeta da Colônia" de "Meister eleganter Dikition", como sejam e "Brasilien wie es is in litterarischer Hinsicht" (1876), "Eín Offener Brief an die Deutsche Presse" (1878), que não constam das suas obras completas, perdendo se também o jornal que, em Escada, redigiu em língua tedesca, com o nome pitoresco e gracioso de "Deutscher Reampfer", no ano de 1875, do qual publicou cinco números, que são absolutamente raros.

A intensa dramaticidade dos seus momentos finais, prostrado por uma doença do coração, que também sangra na miséria e no abandono, ecôa profundamente na sensibilidade, "reduzido a proporções de pensionista da caridade publica". Êsse fracasso, motivado pelos choques contra a mediocracia rasteira, também

fulminou a outros homens de gênio. Disso é testemunha o próprio Camões, tão pobre que comia de amigos, segundo relatam, as crônicas históricas, Diderot vivia desmaiando de fome, Spinoza comia ervas por falta de pão e polia lentes, "Rosseau dormia num fôssco esburacado à falta de cama, Campanella esteve preso vinte e sete anos, sofrendo a tortura sete vezes, o grande Proudhon vivia com um tostão por dia, Marx acabou de fome e miséria num buraco em que se havia metido numa água⁴furtada de Londres, e o mestre Tobias, perseguido e odiado pela congregação de sua escola, combatido pela carolice desenfreada, findou com a subscrição que lhe faziam caridosamente os amigos. Triste destino para tão grande homem!

O POETA

A história literária de Tobias Barreto costuma ser dividida em três fases, ao sentir de Sílvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira*", como sejam, a fase poética, a fase filosófica e a fase jurídica, como momentos escalanados no movimento da chamada "Escola do Recife".

Na poesia, Tobias Barreto foi o iniciador da escola condoreira no pensamento nacional, conforme a pitoresca designação dada por Capistrano de Abreu, refletindo os novos rumos da poética traçados no romantismo pelo gênio descomunal de Victor Hugo.

A escola hugoana da poesia socialista teve em Tobias Barreto e Castro Alves, no Brasil, os seus mais vigorosos e robustos intérpretes, um belo instante na poesia nacional. O valor dessa poesia tem sido aplaudido por muitos e repudiado por outros, como é o exemplo de Mário de Andrade, debicando a poesia social de Castro Alves, ou dos poetastros ridículos e beletistas fracassados diminuindo o valor da poesia tobiática.

Victor Hugo foi o mestre incontestável dessa nova orientação poética, cuja influência, pelo seu sentido social e humanista, perdura inteira sobre as novas gerações. Eça de Queiroz, lançando também alguns grãos de incenso sobre as chamas sagradas do seu gênio, mostrou o raro poder do seu verbo lírico, numa forma resplandecente como o Sol do meio dia, na sua simpatia pelos vencidos da vida, por todos os humildes e miseráveis.

A obra socialista de Victor Hugo impõe-se “pela sua grandiosa e harmoniosa unidade. Hugo é um poeta épico: e nele tudo, ou seja romance social, ou estrofe a Jeanne, ou estudo sobre Voltaire, toma a forma épica. Tôda a sua obra é, de fato, uma vasta epopéia, em mil fragmentos de prosa e de verso, tendo por assunto a luta do homem e da Fatalidade, fatalidade da Natureza, fatalidade da Religião, fatalidade da Sociedade”.

Tudo é encantador, gracioso, quase divino no pensamento fecundo e renovador do poeta francês, onde a língua tomou uma modulação rara na maneira literária de relatar as pequeninas coisas da vida, pois Victor Hugo foi, bem se disse, “o rei da palavra, o dono da côr e da música na língua francesa”.

E, para dizer tão sublime conflito — êle criou o verbo mais poderoso e mais belo que jamais encantou ouvidos humanos. A língua polida e sóbria de Ronsard, de Racine, de Voltaire, admiravelmente trabalhada para exprimir sentimentos medianos e equilibrados, e por isso perfeita como instrumento de crítica seria inteiramente impotente para esta esforçada Epopéia. Teve por isso de construir outra linguagem que pudesse traduzir todo o Homem, tôda a Natureza, nos seus mais diversos extremos, desde o bestial ao divino: tão fina, delicada e transparente, que nela pudesse transmitir-se, sem se evaporar, o aroma d’uma simples flôr silvestre; tão forte e resplandecente que, através dele, ganhassem brilho e fôrça o diamante e o ouro; tão penetrante, transcendente, que pudesse modelar o invisível e dizer o indizível. Hugo disse o indizível, desde o esparso cismar dos

olhos azues d'uma criança até as cordas do vento que varrem o mar da Mancha...!

Tobias e Castro Alves fôram os mais autorizados representantes no Brasil dessa escola condoreira, que Victor Hugo havia cantado nas "Legendes des Siécles" e nas "Méditations", com seu gênio descomunal e o brilho fulgurante e raro da sua prosa impecável, dos seus versos saíricos de peregrina beleza.

A poesia de Tobias Barreto é variada e rica, pois êle cultivava não só a poesia lírica e amorosa, senão também a poesia da natureza, a poesia social e filosófica, cantando ainda os feitos lendários da pátria.

Essa poesia poderá talvez ser prejudgada pelo ultramodernismo, desprezando a poesia social, patriótica ou filosófica em proveito da poesia lírica, cantando as noites enluaradas, o sôpro da brisa ou as virgens pálidas.

A tal "poesia chamada subjetiva, que vive aninhada nas saias de Elvira e que arrulha sem cessar no jornal e no livro, as suas gárrulas confidências de amor (ou de namôro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais viril, mais humana, que se desaninhe das saias já enxovalhadas da sua eterna dama e lance o vôo livre e largo através do mundo e da vida.

O amor é certamente uma fôrça e a notação, em boa rima, de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova, constitue sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado, os versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem verbo que o vivifique, lhe dê a consoladora certeza da sua realidade, — e que precisam portanto ver expressas, formuladas, sonoras, quasi palpáveis, as cousas indefinidas que lhes tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.

Mas a não ser nestes dois casos, em que o poeta tenha des-

coberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita, ou que tenha conseguido exprimir com uma nitidez gráfica excepcional algum subtil estado d'alma até aí inexprimível, êle deveria (pelo menos enquanto durar êste século saciado de lirismo sentimental) conservar os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou ao lado das flôres murchas, das madeixas de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de tôdas as outras relíquias da mocidade que aos trinta anos se atiram ao lume”.

Na verdade, a poesia deve cantar todos os temas, os temas do Amor, da Natureza, da Filosofia, da História, os dramas e paixões humanas, pouco importando a sua forma, variável no tempo e no espaço, desde as églogas bernárdicas do saboroso quinhentismo, os lindos alexandrinos à Hugo, os reluzentes versos parnasianos até o livre-metrismo do pensamento modernista.

A princípio, a poesia de Tobias Barreto é de “um lirismo singelo naturalístico, campesino”, como em *Deusa Ignota*, *Dois de Julho*, *Cena Sergipana*, a bem elaborada a perfeita odezinha *o Beija-Flor*, um dos mais graciosos poemas da lírica nacional, e *Anelos*, onde já estremece “um brado de revolta de um espírito abalado pelos desgostos e pela filosofia do século”.

A bela odezinha “*O Beija-Flor*” é um mimo de graça e formosura, cheia de um lirismo repassado de bela notação poética, que encanta e fascina a sensibilidade:

Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá: tímida, esquiva...
Que bôca... é a flôr mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do lábio,
Como quem suga o resábio
Dos beijos de um querubim!...

Nem viu que as auras gemeram,
Que os ramos estremeceram,
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta, descorada,
De seu rosto a nívea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós três!...

Vai nêsse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também.

Treme a virgem de surpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor na mão;
Nas asas da ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa

Que rola esparsa na chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor:
Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos lábios de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Nêsse empenho, os seios ambos
Deixa ver — inconhos jambos
De algum celeste pomar!...

Forte luta, luta incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer tudo o que se deu.
Tanta cousa, que se esquece
Na vida! mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte cândida inclina
Ao sôpro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta, sorrindo,
A história do beija-flor.

Depois vem uma fase tipicamente condoreira, no arrebatamento pela pátria, cantando-lhe os feitos lendários, voando nas alturas da poesia filosófica com colorido raro e belo deslumbra-

mento de imagens. Destacam-se então as poesias intituladas “À Vista do Recife”, “À Polônia”, “Capitulação de Montevideo”, “Voluntários Pernambucanos”, “Leões do Norte”, “Sete de Setembro”, “Vôos e Quedas”, “Gênio da Humanidade”, “Pela Morte de um Amigo”, “Os Tabaréos”, “Os Trovadores das Selvas”, etc.

Dessa fase é simbólica a sua esplendente síntese da evolução humana, inspirada provavelmente no “Aasverus” de Quinet, e que se intitula “O Gênio da Humanidade”:

Sou eu quem assiste às lutas
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda tôdas as grutas
Profundas do coração:
Quis vêr dos céus o segrêdo;
Rebelde, sôbre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede do infinito,
Gênio feliz ou maldito,
A humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céu se azulando vai;
Estendo a mão sôbre os mares
E os mares dizem: passai!...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Tôdas as formas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Izaías profeta.
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Têm seis mil anos de dor:
Entrei por tôdas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel,
E ainda sinto os resábios
Dos beijos que dei nos lábios
Da prostituta Babel.

E vi Pentápolis nua,
Que não corava de mim,
Dizendo ao Sol: eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluturoso furor...
Ânsias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Lábios em brasas de amor!...

Travei-me em lutas imensas,
Por vezes cansado e nu,
Gritei ao ceu: em que pensas?
E ao mar: de que choras tu?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sôbre o regaço
Da história, que é minha irmã;
Chamam-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrêla da manhã.

E no meu canto solene
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perene
Crepúsculo interior,
O ímpio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E às tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao imenso ouvido
A humanidade é um tropel,
E a natureza um ruído
Das flores com seu orvalho.
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que ecoam
No fundo do coração!...

Afinal, no término da sua vida, Tobias Barreto retorna à mesma singeleza de tons, ganhando em simplicidade, em riqueza filosófica, nos meio-tons aveludados da forma, como as poesias "Que mimo", "Ano Bom", "Nada", "Ignorabimus", "Impossível", "Libia Drog", "Augusta Cortesi", "Sempre Bela", "Decadência", "Variação à Heine", "Desânimo", "Uma Ser-gipana".

O seu belo poema filosófico intitulado "Ignorabimus" retrata um momento da sua alma vibrante, atingindo a elevada esfera da arte impessoal e eterna:

Qanta ilusão!... O céu mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do cativoiro...
E eu vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tirania, e da miséria o travo;

Se é sempre o mesmo engôdo e falso enlêio,
Se o homem chora e continua escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

Sílvio Romero, em sua "História da Literatura Brasileira", e Ronald de Carvalho, na "Pequena História da Literatura Brasileira", fazem referências simpáticas à produção poética do mestre teuto-sergipano, cujo valor, pelo seu sentido lírico, filosófico e social tende a crescer, como o de Castro Alves, na interpretação do realismo socialista.

O seu talento poético vibrou em cálidos tons, delicadamente amorosos e de fecunda exaltação tropical, num lirismo suavemente maguado, para atingir as alturas resplandescentes da poesia filosófica ou social, vibrando com os grandes problemas que fascinam a imaginação humana: o enigma do universo, o trabalho, a morte, a pátria, a beleza da vida, as graciosas cenas campestres, a humanidade em sua ascensão infinita para o progresso.

A poesia filosófica, que teve em Goethe, no "Fausto", e na obra poética de Antero de Quental, lúcidos e notáveis repre-

sentantes, ou a poesia social de Victor Hugo, popularizando e divulgando o evangelho da caridade, da simpatia humana pelos sofredores, tiveram em Tobias um dos seus maiores vultos nas pátrias letras.

Especialmente, a águia solitária de Guernesey influenciou na sua sensibilidade poética. Victor Hugo mostrou “uma larga clemência, uma infinita piedade pelos fracos e pelos pequenos... E nisto a sua ascendência pesou consideravelmente sobre o século. Hugo decerto não inventou a misericórdia; mas popularizou-a. No próprio Evangelho, ainda há muita cólera; Jesus tem palavras inexoráveis de condenação e de castigo. Hugo, sobretudo na sua velhice, tinha chegado a um tal estado de “piedade suprema” — que perdoava mesmo aos tiranos, aos ferozes exterminadores de povos, aos monstros. E suas justificações de Torquemada, que queimava por amor, para purificar a creatura e dar-lhe a trôco de uma angustia fugitiva a bemaventurança eterna, constitue, de uma obra de arte incomparável, o ponto culminante da excelência moral de Hugo. Êle deu um profundo abalo de compaixão à alma humana; a filantropia, que é a aurora confusa e vaga do Socialismo, coincide, como prática social, com a sua predicação lírica da bondade. O seu nobre clamor pelos fracos, penetrando as almas, terá uma ação nos códigos: — e porque um poeta cantou, o mundo torna-se melhor.

Por uma razão paralela, eu considero como eminentemente fecunda a ação política de Hugo. No seu tempo, Hugo não era um homem de Estado como Turgot: Hugo é o brado da Democracia. A êle não compete organizá-la: compete anunciá-la. Êle prega, num radiante lirismo, o advento do Reino do Homem: e a sua voz ritmada chama a êle as multidões. As instintivas massas humanas não se movem senão pela imaginação e pelo sentimento: a lógica persuade o homem culto, mas não converte o simples. Um apêlo à liberdade e á justiça, feito em estrofes que seduzem como as antigas “vozes do céu”, arreбата turbas

que longos volumes de filosofia deixaram indiferentes. Quando se quer fazer marchar um regimento não se lhe explica, com a subtileza de um protocolo, os motivos que levam à guerra: desdobra-se uma bandeira, faz-se soar um clarim, e o regimento arremete. O cristianismo foi feito assim, com imagens, com parábolas, com declamações. Todavia, no tempo de Jesus, antes dele, houve homens como Hillel, Schammai e o nobre Gamaliel, cujas prédicas continham já tôdas as sementes do Cristianismo. Mas que eram doutores, argumentadores, políticos, homens práticos. Ninguém os escutou. Surge um inspirado, lá do fundo da Galiléia, que vem falando vagamente de piedade, de amor, de fraternidade e do Reino delicioso de Deus — e o mundo maravilhado deixa os velhos cultos e as velhas religiões e vai atrás dele, prêso para sempre”.

O mestre teuto-sergipano assim também se elevou pelo valor incontestável de seu talento lírico, no sentido social e filosófico dos seus versos de inspiração hugoana, da sua penetração no segrêdo das coisas, à altura que lhe dão sem dúvida lugar honroso na poesia nacional.

O FILÓSOFO

No plano filosófico, o espírito rutilante de Tobias Barreto atinge a uma plena maturidade, como verdadeiro revolucionário de idéias, numa profunda síntese do mundo e da história, procurando realizar a aliança do pensamento kantiano com os novos dados da ciências política.

Kant havia estabelecido, na “Kritik der reinen Vernunft”, uma verdadeira revolução copernicana na filosofia, de que dá exemplo o mestre brasileiro na sua substancial obra “Recordação de Kant”, a quem considera como “o filósofo mais chegado ao naturalismo científico”.

Caso Tobias Barreto vivesse, teria a surpresa de encontrar as suas idéias prediletas bem redivivas no monismo neutral de Bertrand Russell e na filosofia dialética do marxismo ortodoxo, em páginas de palpitante atualidade, sobretudo pela influência do sábio filósofo de Koenigsberg.

Kant, logo nas páginas iniciais da "Kritik der reinen Vernunft", declara procedentemente que todo nosso conhecimento começa com a experiência: "Dass alle unsere Erkenntnis mit der Erfahrung enfange, daran ist gar kein Zweifel", pois o princípio supremo da filosofia kantiana é o de que toda e qualquer noção da realidade deve ser bebida na experiência, mediante a atividade ordenadora da inteligência ou razão" (Verstand).

O sábio alemão não foi, destarte, um simples arquiteto de castelos áereos, mas, até certo ponto, um realista crítico, e êsse aspecto do realismo êle se esforçou por destacar nos "Prolegomenos", escritos com o objetivo de esclarecer mais a contento a "Crítica da Razão Pura", como ainda nas correções da nova edição da dita crítica em 1787.

Deve-se a Kant o intento de estabelecer "a perfeita consciãliabilidade da filosofia com as ciências naturais", se bem que, mais tarde, os seus adeptos se inclinassem para um requintado idealismo. Recentemente, na "História da Filosofia" de Scheglow, se mostrou a tendência naturalista inicial do seu pensamento: "Durante o primeiro período de sua atividade filosófica, Kant dedicou sua principal atenção às ciências naturais, e o aspecto materialista de sua filosofia, durante êste período, está expresso com muito mais fôrça do que no período posterior". Sobretudo em sua "História Geral da Natureza e Teoria do Ceu", Kant cristalizou as bases da sua filosofia na análise da origem mecânica do cosmos, segundo os princípios fundamentais da teoria de Newton, em orientação que foi consideravelmente apreciada pelos fundadores do marxismo.

Realmente, os fundadores do marxismo, quando comentam os trabalhos iniciais do ilustre filósofo, especialmente a “História Geral da Natureza e Teoria do Céu”, criticamo-nos favoravelmente. Engels, em sua primorosa obra “Dialektika Prirody”, salienta que os referidos trabalhos abriram a primeira brecha na petrificada concepção metafísica do mundo dos séculos XVII e XVIII, relegando ao museu das antiguidades a crença de que a natureza não tem nenhuma história no tempo, pois, em Kant, a Terra e o sistema solar aparecem como algo situado no tempo e sujeitos à evolução, proclamando-se acintosamente o princípio da evolução.

Dí-lo Engels com precisão em sua “Dialektika Prirody” (Moscou, 1948, p. 10): “A primeira brecha nesta concepção petrificada da Natureza foi aberta, não por um naturalista, mas por um filósofo”. Em 1755, apareceu a “História Natural Geral e Teoria dos Céus”, de Kant. A questão do Primeiro Impulso foi eliminada; a Terra e todo o sistema solar se apresentavam como algo que se fôra formando no decorrer do tempo” (Pervais brechi veton okamenelom voszrenni na prirody bila pribita ne esmestvoiclitatelem, a filosofom. B 1755, g. poiavilasi “Vseovtchais estestvennais istoriia e teoriia nova “Kanta, vopros o pervom toltcheke bil ustranne; sellia i vsis solmetchania sistema predstali kak smaitch-ex no vo vremeni”).

Essa influência do pensamento kantiano, reinterpretando as bases da dialética, permitiu uma reelaboração da filosofia do pensador brasileiro, que foi um dos precursores da dialética, aceitando e divulgando os princípios do monismo e da evolução, com a tese do monismo evolucionista e teleológico.

Tobias Barreto é um antecessor do monismo neutral de Bertrand Russell, exposto na “Analysis of Matter” and “Analysis of Mind”, culminando a sua doutrina em uma esplendente especulação integrando os fatos da ciência positiva para uma mais arejada concepção do universo.

A filosofia monista, como se sabe, admite a unidade cósmica das forças da natureza, numa interpretação dialética da natureza e da sociedade, cabendo contradistinguir diversas variantes do monismo, quais sejam, o monismo materialista, que tem os seus mais notáveis representantes atuais em Lênine e Stáline, o monismo espiritualista, com ilustres expositores em Bergson e Benedetto Croce, e o monismo neutral com o gênio clarividente de Bertrand Russel.

No sentido mais amplo, uma das correntes do monismo, o monismo materialista, admite por evidente a unidade da natureza e o evolucionismo. Repassemos a breves traços a filosofia monista do materialismo dialético, para exame crítico, conforme foi exposta por Stáline no livro em russo "O dialektitchoskom i istoritsheskom Materislisme" (in Voprocei Leninisma, Moscou, 1945), onde mostra que o materialismo dialético reconhece uma trilogia de princípios, a saber: o "unitarismo da natureza", a "imanência da evolução" e a "evolução por contraste".

Por evidente se induz que essa trilogia é inconteste, salvo a sua fundamentação tipicamente materialista, razão pela qual seria preferível sustentar a tese do monismo neutral à Bertrand Russell.

Em princípio, a dialética do monismo aceita a ideia do "unitarismo da natureza, pois que, "em oposição à metafísica, a dialética explica a natureza não como acúmulo casual de elementos, acontecimentos, separados um do outro, isolados um do outro, e mutuamente desvinculados, mas como um corpo coeso, único, em que os elementos, os acontecimentos, ligados organicamente uns aos outros, se unem entre si e se tornam dependentes dos outros."

Engels também assegura, em sua precitada "Dialética da Natureza" (p. 21), que "nada é eterno a não ser a matéria eternamente mutável e em eterno movimento, bem como as leis pelas quais ela se move e se transforma", em um ciclo de vida na qual

o espírito pensante é a mais alta floração (s cacoí ona kogda-nibytí istrevit na zemle svoí istchi tsvet — misliatchíí dux, ona doljna budet ego snova povotivi gde-nivydi v drugom meste i v drugoi bremia).

De envolta com êsse unitarismo, cabe acentuar que tal unificação elementar envolve uma evolução imanente, um movimento incessante que impele tôdas as coisas a uma evolução inexorável e fatal. Êsse devenir já foi afirmado por Héraclito, com a idéia do “Tsvla Pel”, do fluir incessante das coisas, ainda por Hegel, teve a sua cristalização exposta recentemente por Stáline na sua obra precitada (o. c., p. 547), quando declara que “ao contrário da metafísica, a dialética explica a natureza, não como estado de repouso (costoyanie pokoya), mas como um estado de incessante movimento (nerpereinego divijenya).

Enfim, a evolução se realiza pelo contraste, pela oposição dos contrários, dando margem a uma integração contínua das antinomias sucessivas, que se resolvem em novas sínteses dialéticas.

A fonte primária do processo da realidade, segundo a orientação do monismo materialista, de acôrdo com Marx, nas “Izbrannie Proizvedennya” (p. I, p. 329), é a matéria, pois a matéria não é um produto do espírito, mas “o espírito é o mais elevado produto da matéria”.

Entretanto, a fonte autêntica e a origem do processo evolutivo não está na matéria, porém numa realidade de natureza superior, na pretensão do monismo neutral, defendida por pensadores da projeção de Bertrand Russel, James Jeans ou de Broglie, numa crítica de profundidade ao materialismo ortodoxo.

A realidade última é de natureza mental, radica a sua fonte e origem em uma razão superior, pois “a matéria é menos material e o espírito menos espiritual do que realmente se supõe”, dí-lo Bertrand Russel em sua “Analysis of Matter”.

A realidade última é de natureza mental, pretende James Jeans, o mais ilustre dos astrofísicos contemporâneos, em sua

interessante obra "The Mysterious Universe": "A verdadeira substância das coisas é o pensamento puro. Um pensamento ou uma idéia não podem porém existir sem onde se alojaram. Se o universo é um universo de pensamento então a sua criação deve ter sido um ato de pensamento". O próprio Engels, em sua "Dialética da Natureza" (edição russa, Moscou, 1948, p. 205), concluiu a sua posição filosófica com um desvio idealista, discrepante do próprio Marx, afirmando que a "matéria como tal é pura criação do pensamento e abstração" (Matéria kak takovaia, eto — tchistoe sozdamie misli i abstraktsiia).

O CRÍTICO DAS RELIGIÕES

Uma nova caracterização da filosofia do mestre teuto-sergipano concerne à ciência comparada das religiões e à crítica da teologia tradicional. Deve-se ao pensador brasileiro, incompreendido em sua época e em sua geração, uma admirável síntese em derredor desses problemas que sempre agitaram a consciência humana.

Tobias Barreto não era contrário à manifestação do pensamento religioso combatendo a pressuposta irreligião do futuro, que hoje em dia é defendida por Freud, em sua conhecida obra "Die Zukunft einer Illusion".

A religião é uma atividade nobre do espírito humano, que o vem encaminhando para uma forma mais bela de existência e consciência. A religião, dí-lo Proudhon, é um ansioso esforço para chegar à beira de Deus. Esse esforço "não faz que a Terra nos dê mais frutos, nem que decresçam as dores humanas — promove uma alta educação espiritual, levanta os corações, eleva da pesada espiritualidade para as formas mais belas e mais puras do pensar e do sentir".

Tobias Barreto reconhecia a nobreza das religiões, espe-

cialmente do autêntico cristianismo, a forma mais elevada e pura de enobrecimento moral e espiritual. Nem mesmo debandava para o ateísmo militante, conquanto combatesse rudemente a carolice desenfreada e as formas rudimentares do catolicismo nacional.

Nas "Questões Vigentes", em síntese memorável, já pouco antes de sua morte, numa crítica de profundidades à obra de Guyau sobre "L'Irreligion de l'Avenir", êle reconhece a eternidade do pensamento religioso, quando indagava o problema do desaparecimento da religião pagã e o nascimento do cristianismo: "Um Guyau daquele tempo teria dito: — a religião está morta; é a filosofia, são os sistemas metafísicos, que devem ocupar o seu lugar, conforme o gosto e disposição dos indivíduos. Porém assim não sucedeu. As divindades continuaram à banquetear-se no Olimpo; mas eis que de repente, como diz Heninrich Heine, aparece cansado a anelante um Judeu pálido e ensanguentado, com uma coroa de espinhos na cabeça e uma cruz de pau sobre os ombros, e atirou a cruz em cima da mesa do banquete: as taças de ouro tremeram, os deuses emudeceram e descoraram, e cada vez se tornaram mais pálidos, até que enfim desapareceram na névoa".

A filosofia religiosa de Tobias Barreto o inclinava, a princípio, a um vago e suave cristianismo, repassado de doce nota de espiritualidade. O próprio cristianismo pode comportar um depuramento, uma clarificação e um avanço, ajustando-se a religião à nova etapa de desenvolvimento da humanidade e encaminhando o mundo para o seu libertamento definitivo.

O cristianismo tem qualidades espirituais de doçura e bondade, benevolência e simpatia para com os humildes, os pequenos, os simples, possui aquêle leite de bondade humana, de que fala Dickens, o "milk of human kindnesse", esplendidamente cantado pelos poetas.

A deificação humana do profeta da Galiléia, no raro poder do seu verbo, cheio de lirismo encantador, da sua bondade infinita, da sua predicação luminosa pelos humildes, por todos os miseráveis, por todos os vencidos, por todos os sofredores, levou o homem a radiosa ascensão para a luz.

Jesus da Galiléia foi o derradeiro dos grandes profetas bíblicos, que pregou o amor, a solidariedade, a justiça, que falou esplendidamente de piedade e de perdão, que cantou uma bela poesia em prol da libertação humana, e, sempre a sorrir, feriu mortalmente a velha sociedade, evangelizando a grande lição da igualdade, no meio dos pobres, dos humildes, dos vencidos da vida, dos desventurados da sorte, na mais suave predicação humana de bondade que ouviu o mundo, no meio do povo, debaixo das palmeiras virentes, dos leques opalinos das estrelas, bem longe dos regalos dos poderosos, fugindo aos palácios de luxo ricoço e resplandente para viver no coração do povo.

Engels, em um primoroso ensáio, com o título “Estudos Sobre o Cristianismo Primitivo”, bem acentuou a pregação popular do fundador do cristianismo: “A história do cristianismo primitivo oferece-nos notáveis pontos de contacto com a do movimento operário moderno. O cristianismo, do mesmo modo que este, foi, em sua origem, a expressão da luta dos oprimidos e apresentava-se, primeiramente, como a religião dos escravos, dos libertos, dos pobres, dos homens privados de direito e dos povos que Roma subjuguou ou dispersou.

Ambos os movimentos, o cristianismo e o socialismo, pregam o fim imediato da escravidão e da miséria: o primeiro levou essa liberdade mais além, a uma vida depois da morte, no paraíso: o segundo coloca-a neste mundo, concebendo-a mediante a transformação da sociedade.

Ambos os movimentos são perseguidos, sendo os seus partidários proscritos e sujeitos a leis de exceção, uns, como

inimigos do Gênero humano e outros, da ordem social. E, apesar de tôdas as perseguições, seguem vitoriosa e irresistivelmente o seu caminho”.

Tobias Barreto, em suas “Notas de Crítica Religiosa”, publicadas no “Americano”, uma das admiráveis produções do pensamento nacional, realizou um vivo e interessante elogio do cristianismo. Afirma que “o cristianismo e o gênio greco-latino são dois elementos necessários, irredutíveis da nova civilização”, a que agrega o sôpro ardente do profetismo exaltado dos hebreus.

E prossegue: “Pode-se hoje manejar os princípios da mais sólida filosofia sem ter lido uma só frase de Platão. Porém, saber o evangelho, penetrar-se do evangelho, é a condição de todo o progresso e de tôda a luz que ilumina a face das gerações atuais.

Platão é hoje apenas uma palavra impotente da erudição filosófica, e ainda muitas vezes destituída de senso.

Mas onde quer que haja um banquete em nome das grandes idéias humanitárias, Jesus ocupa a cabeceira da mesa e distribui o pão celeste das delícias invefáveis”.

Jesus de Nazaré, em um instante feliz da história, “numa hora de azulamento universal, numa hora de mansidão divina”, pregou a sua doutrina em princípios cristalinos e de notável pureza moral, com “méritos sublimes que o elevam acima de todos os reformadores”.

“Jesus não era um filósofo, nem um poeta”, dí-lo Tobias; êstes epítetos, que por vezes se lhe aplicam são por demais impensados.

É mister que não sejamos tão fáceis em descobrir relações forçadas. As aventuras da idéia, sem serem menos arriscadas que as aventuras da ação, não fazem sempre muita honra àqueles que as empreendem.

A dúvida, êste manto dos filósofos, nunca tocou nem de

leve o moço filho de Maria: a loucura, esta coroa dos poetas, nunca atingiu aquela cabeça sublime, sempre rorejada de amor e mansuetude”.

Decerto, o ambiente histórico da antiguidade clássica já preparava o caminho para o florescimento do cristianismo. O judaísmo abriu o caminho para as crenças monoteístas, com alguns doutores, à maneira e exemplo de Hillel, o grande rabino liberal.

Ewald, na sua “Geschichte des Volkes Israel”, já salientava as idéias monoteístas do profetismo exaltado, contrárias às crenças politeístas do mundo antigo, sem levar em conta a escola dos essenenses, que tanto se aproximavam da grandeza da sabedoria platônica.

A verdadeira essência do cristianismo, como salientam Harnack, o grande teólogo protestante, em “Das Wesen des Christentums”, e Hobbouse, na sua síntese “Christianity”, consiste na ascensão suprema para o amor e cálida fraternidade, representando um ponto glorioso na história humana.

“O cristianismo”, afirma Tobias Barreto, em suas “Notas de Crítica Religiosa”, segregado de tudo o que não é êle, reduzido à forma simples que lhe dera o seu fundador, é a última expressão do que se chamava o reino de Deus”.

“Substituir, de feito, a noção de Deus, considerado como poder imenso, grandeza imensa, invisível e inefável, pela noção, mais apropriada à nossa fraqueza, de Deus considerado como pai bondoso, cuja vontade deve ser feita, no Ceu e na Terra, e cujo reino começa pela perfeição moral dos homens: é essa, cremos nós, a única teologia, porque é a teologia do amor, que, dissipando as tentações de sondar o incompreensível, descobre aos olhos da alma sequiosa o manancial, onde ela pode saciar-se de ternuras”.

Todo o elogio do cristianismo não leva, entretanto, Tobias Barreto a aceitar a divindade do Cristo. “Trata-se”, diz

êle, “de saber se Jesus era Deus. Fôra mister que a idéia da divindade tivesse para os espíritos uma clareza inalterável, que fôsse, por sua evidência, um princípio de conhecimento que pudesse servir de medida a qualquer conhecimento ulterior, para assim determinar-se o juízo que se forma acerca de Jesus.

Em outros e mais simples têrmos, — se ninguém sabe ao certo quem é Deus, como se pode ao certo saber que Jesus não era Deus”?

Tobias conclui pela negativa, baseado em Renan, Strauss, na “Leben Jesu” e “Christliche Glaubenslehre”, Baur, na “Kirchengeschichte” e “Die Christliche Lehre von der Dreieinigkeit und Menschenwerdungsgottes in ihrer geschichtlichen Entwicklung”, e outros representantes autorizados da ciência comparada das religiões: “Se Deus é o que Platão ensinava, com todos os encantos de sua imaginação de artista, aos moços e às rosas que o ouviam naquela escola de flores; se Deus é o que Descartes deixou determinado, com tôda a sua frieza de geometra; e que se transmitiu aos seus dignos herdeiros, chefes e sectários do espiritualismo atual; se Deus é, enfim, o que geralmente ensinam tôdas as filosofias aladas, que só se distinguem tanto quanto os corvos se distinguem das aguias, está claro que não se pode dar ao Cristo a categoria divina. Os críticos têm razão.

Se não podemos, dizem os filósofos, entre outros, o próprio S. Tomaz, se não podemos dizer de Deus o que êle é podemos dizer o que êle não é. Firmada talvez nestes princípios caducos, a crítica tem o direito de responder que Jesus não foi Deus, porque Deus não pode ser homem”.

Por essas palavras revolucionárias, os críticos lançaram no mestre teuto-sergipano o estigma de ateu, quando êle não era. Feuerbach já havia dito: “São as lágrimas do coração que, evaporando-se no céu da fantasia, formam a imagem nevoenta da divindade”. As teodicéias construídas pelo homem são quasi

sempre verdadeiros poemas, tangenciando a realidade no palácio de cristal da fantasia.

Esta doutrina não é nova, e já tem a sua simplicidade vigorosa em Virgílio, no livro X da Eneida. Tobias Barreto, porém, vai além do ateísmo na postulação do ideal religioso, salientando uma concepção mais ampla e arejada da realidade última, como afirma no seu fascinante estudo sobre “A Religião Natural de Jules Simon”.

De feito, no mencionado estudo, êle assim se expressa sobre o problema da divindade: “O ateísmo, felizmente, não é o nome de um vício; é o nome de um sistema que nunca teria aparecido, se não fôsse suscitado pelas obras dos filósofos. É a filosofia quem faz os ateus, como é a teologia, em sentido restrito, que faz os hereges.

Nós que temos a coragem de não curvar a cabeça e o joelho ante o Deus matefísico de Descartes e dos filósofos em geral, inclusive J. Simon, confessamos e adoramos um Deus; é Deus de Moisés e dos profetas, o Deus de quem Jesus dizia, e só êle podia dizer: noso pai!

Se nos fôsse dado empregar aqui a linguagem da crítica bíblica, diríamos que somos jeovistas, por oposição a uma espécie de eolismo dos filósofos; os quais pretendem formar de Deus uma apresentação intelectual, pouco menos errônea do que as representações sensíveis. A tentativa de sondar, mais ou menos, a natureza divina e conferir-lhe um lugar na ciência não foi sempre geralmente aceita”.

Sobre a natureza da divindade, assim esclarece a sua filosofia racionalista: “De Deus só há na linguagem uma afirmação cabível, só se pode afirmar que êle é. Mas deve-se notar que semelhante afirmação não importa um novo conhecimento. É uma proposição que ou fica incompleta e sem sentido ou tornar-se idêntica e tautológica: — Êle é êle, Deus é Deus.

O Jeovismo que, segundo diz um sábio teólogo moderno, é

a mais perfeita forma do monoteísmo, estava concentrado nas simples palavras: — “Ego sum qui sum”, palavras que, em vez de explicar, tinham antes por fim tornar impossível qualquer representação divina; e constituem fórmula do inexplicável.

Moisés, que não era um filósofo, mas era um revelador, compreendeu ou antes pressentiu que, para arredar os hebreus das práticas idolátricas, a que davam lugar as concepções eloísticas de Deus, considerado como Forte e Poderoso, devia dar aquela definição do Sêr, isto é, um *idem por idem*, que todavia pôde fazer da família de Israel um povo especial, e dar ao mundo o espetáculo grandioso dos mais ardentes órgãos da consciência moral e religiosa, como fôram os profetas”.

Bem está de ver, entretanto, para dizer a verdade, que a posição religiosa do pensador sergipano deve ser interpretada amplamente, pois, a princípio, é adepto de um cristianismo aprimorado e civilizado, negando o Deus antropomórfico das teologias rudimentares, para permanecer em um plano filosófico de profundidade, como quando, na sua polêmica contra os padres do Maranhão, afirmava: “Creio em alguma coisa, que entretanto não tenho a felicidade de poder bem definir” (Polêmicas, Rio, 1926, p. 150).

Trata-se de uma tomada de posição semelhante a de Einstein, quando o sábio tedesco, em sua obra “Mein Weltbild”, admite a diferença entre uma religiosidade cósmica e as diversas maneiras de realização histórica das religiões, entendendo Deus como uma espécie de “razão universal”. “Basta-me, escreve Einstein, comprovar o sentimento do mistério da eternidade da vida, ter a consciência e o pressentimento da construção admirável de tudo o que existe, lutar ativamente para apanhar uma parcela, por mínima que seja, da razão que se manifesta na natureza”. A religiosidade do sábio, prossegue Einstein, reside na admiração extática, da harmonia das leis da natureza (Na urgesetzlichkeit) ”.

O PENSADOR POLÍTICO E O JURISTA-FILÓSOFO

Não é possível, no momento, desconsiderar a esplendente filosofia social e política do mestre teuto-sergipano. Ele nunca se curvou cerimoniosamente diante dos poderosos, não rendeu homenagem aos donos da vida e aos chefes da poderosa aristocracia feudal dominante. Tinha a altivez, o desassombro, a beleza moral dos grandes sonhadores; era um homem, na acepção autêntica da palavra.

Bem moço, apenas encarreirando a sua jovem vida, enquanto os seus contemporâneos de geração escrevinhavam alouvaminha caprichosa da monarquia e da escravidão, ele combatia rudemente ambas as instituições. Ninguém viu mais longe em sua época, ninguém viu tão cedo e tão exatamente a configuração histórica do progresso. Afirma ele: "Eu desejo a abolição de tôdas as instituições caducas, que são outras tantas afrontas à dignidade do homem; desejo a extinção de tôdas as excrescências, de todos os órgãos rudimentares e deturpantes da sociedade humana. Neste caso está sem dúvida a escravidão. Porém entendamo-nos: neste caso está também a monarquia. Não compreendo, portanto, que, em nome da humanidade se paguem tributos de admiração a um áulico de tamanho comum, que reclama para si a honra de ser o primeiro a dizer: não nascem mais escravos no Brasil, mas acharia uma coisa horrível que alguém pretendesse a glória de escrever nas tábuas da lei: no Brasil não há mais corôa. A enxada na mão do escravo, que só trabalha para outrem, é, de fato, um hediondo anacronismo; não é menos hediondamente anacrônico o simbólico cetro na mão do imperador, que é um mendigo ilustre, que só consome e nada produz".

Do mesmo modo Tobias se refere no interessante artigo de fundo do jornal "O Desabuso", quando declara: "A monarquia, dizem, é uma instituição que nos legaram nossos pais. E a escla-

vidão não seria outra? Repugna aos sentimentos da dignidade humana ver-se um homem, nosso igual, escravizado a um senhor, como seu instrumento de trabalho”.

E mais adiante: “O povo sua, trabalha e obedece. Os homens ilustrados, que se contam às duzias, nas alturas do Poder, não ignoram menos que nós outros a solução do enigma. Ao tinir dar troças dos cortejos, que se divertem, vai juntar-se o ruído das cadeias do escravo, que continua a sofrer. A imprensa é um passatempo da ordem dos gritadores que estão bem convencidos de não serem escutados”.

Foi mais além. Não só prgou o abolicionismo na imprensa e no verso, mas foi ainda um dos primeiros e mais autorizados evangelistas da democracia, quando, no jornal “O Americano”, fazia a mais retumbante proclamação de fé como republicano convito, ridiculizando a constituição imperial como o livro de nossas misérias. A sua filosofia política está sintetizada na seguinte fórmula: “O verdadeiro solar do liberalismo é a democracia. Ou seja o govêrno de todos por todos, como se exprime em fórmula absoluta, ou seja, como melhor se compreende, o govêrno de todos pelos eleitos de todos, o certo é que, racionalmente concebida, a democracia não tolera esta reunião de verdades de princípio e verdades de circunstância, que forma a constituição dos govêrnos mixtos”.

“O princípio democrático, — prossegue êle — é em suma a liberdade, operando como fôrça, e a igualdade, operando como tendência, em todos os átomos do corpo social, para a sua completa harmonia e felicidade”.

“Ao passo pois que a liberdade é uma fôrça individual, fôrça ativa e consciente, a igualdade é, apenas, como vimos, um pendor social; e ao passo que as leis da liberdade são subjetivas, as que regulam a igualdade são objetivas e estranhas à vontade do indivíduo.

A democracia sensata, que proclama a liberdade como o seu

magno princípio, não pode prometer a igualdade senão como resultando de tôdas as fôrças contrabalançadas no seio da sociedade; não quer bater o cordel na cabeça do povo, não quer passar a régua na superfície dos mares”.

Defende mesmo os postulados de uma democracia econômica, com notável semelhança com a filosofia política de um Laski, exposta nas “*Reflections of the Revolution of our Time*”, e Max Weber, em sua *Wirtschaft und Gesellschaft*”. No seu famoso “Discurso em Mangas de Camisa”, dá mostras de notável sensibilidade popular, de profundo sentimento lírico sôbre as nossas possibilidades e de fé imensa na reconstrução social, com base eminentemente popular.

Vê, em “Karl Marx, o terrível crítico do capital, o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciência econômica”, e entoa palavras que poderiam parecer revolucionárias e socialísticas aos barões encalacrados de Escada nos artigos de fundo do “Desabuso”. “É preciso que nos convençamos: a magna questão dos tempos atuais não é política, nem religiosa, é tôda social e econômica. O problema a resolver não é achar a melhor forma de governo para todos, porém, a melhor forma de viver para cada um; não é tranquilizar as consciências, porém tranquilizar as barrigas. Que importa ao homem do povo que lhe dêem o direito de votar em quem quizer, se êle não tem o direito de comer o que quizer? Que lhe aproveita a liberdade de ir ao templo, quando queira, orar a Deus, como lhe aprouver, se êle não tem o poder de ir ao mercado, quando lhe apraz, e comprar o de que precisa?

Nada há menos político e religioso do que a fome. O peito aguenta meia dúzia de pancadas em ar de contrição; os joelhos suportam largas horas de posição devota em cima do tijolo; mas a barriga... é uma libertina; não sofre com paciência dez minutos de necessidade. Assim, o que convém mais que tudo é dar ao povo os meios de passar melhor e não enchê-lo de contínuo

incenso, chamando soberano a êsse pobre João sem Terra, como justamente o qualificou Proudhon”.

De mais a mais, o jurista-filósofo e jurisconsulto debate os mais interessantes problemas da ciência do direito, divulgando os novos ensaios de von Ihering, praticamente desconhecidos num ambiente onde se ensinava teològicamente o direito com um doce perfume de sacristia. Concebe o direito como um princípio de seleção legal na luta pela vida, entendendo-o dialèticamente como conjunto de condições existenciais e evolucionais da sociedade cativante asseguradas pelo poder público.

Lança as bases de nova intuição do direito, numa profunda visão da filosofia jurídica: “O direito não é uma idéia a-priorística, não é um postulado metafísico, nem caiu dos céus sôbre nossas cabeças. Não é também uma abstração resultante das leis da evolução, que ainda se acham em estado de incógnitas, mas é a disciplina das fôrças sociais, o princípio de seleção legal na luta pela existência. Sim; antes que as relações sociais fôssem afirmadas pelo direito, a fôrça dominava tudo, da mesma arte que nos céus, antes que os corpos sidéreos tivessem encontrado a lei de sua existência, o caos dominava tudo.

O evangelista de Patmos disse: no princípio, era a palavra, *in principium erat verbum*; Goethe disse: no princípio, era ato. Eu digo: no princípio, era a fôrça. Quantos astros não se chocariam nos espaços, quantas estrelas não se despedaçariam no firmamento, antes que a lei de sua harmonia se tivesse estabelecido?

Quantos abalos também na humanidade, quantas lutas sangrentas e ferinas não se travariam, antes que a lei da coexistência social tivesse posto fim a êste estado amorfo! O direito surgiu quando a sociedade, tendendo para um estado melhor, quis uma garantia maior. O direito absorveu a fôrça e, consorciados, regem o mecanismo da sociedade, porque o direito é uma palavra vã; a fôrça sem o direito é uma brutalidade”.

O POLEMISTA, O ORADOR E O CRÍTICO

Tôdas as novidades que Tobias Barreto trouxe à cultura brasileira ecoaram sôbre as categorias filosóficas e sociais dominantes na época, provocando os mais rudes debates e polémicas violentas. Revela-se então uma nova fase da poderosa inteligência do mestre, que, como polemista, atinge as culminâncias da genialidade. A chacota e o dito chistoso, um incomparável senso de humor, a argumentação sólida e profunda, a graça inimitável, a prosa encantadora, a verve impiedosa e caústica, dão-lhe nêste domínio um pôsto honroso e raras vezes excedido. São conhecidas, nêste aspecto, as polémicas contra os padres do Maranhão, as investidas contra Taunay, a propósito do Meyerbeer, as discussões sôbre o *self-government* contra José Higino, Tôdas elas verdadeiros modelos no gênero.

O orador tem a genialidade nativa dos grandes vultos tribunícios. A linguagem translúcida, cantante, de exuberância tropical, se reveste de uma beleza maravilhosa, que enleia e agrada, na frase colorida, nas idéias aladas e generosas, que sensibilizam o coração e convulsionam a inteligência. O orador se transfigurava na tribuna; a gesticulação abundante, a palavra fluida, ardorosa e arrebatadora, em períodos sonoros, com graciosos giros de locução e formosas formas sintáticas, que lhe asseguram posição honrosa nas belas letras nacionais. De tudo isso dão testemunho o seu célebre discurso em mangas de camisa, as interessantes orações pronunciadas como deputado na assembléia provincial de Pernambuco, afora as inúmeráveis e vibrantes alocações acadêmicas.

O crítico tem as qualidades inatas de bom senso e ilustração invulgar. Ele inaugura, por assim dizer, nova fase na crítica nacional, fugindo aos padrões convencionais dos elogios mútuos, das conveniências pessoais, dos grupos e igrejinhas literárias. Desenvolve a ampla discussão da idéias, dentro do que

há de mais moderno e interessante para a época. Citam-se, pela primeira vez, as grandes figuras da ciência européia, então desconhecidas ou praticamente desconhecidas no Brasil, como Marx, Lombroso, von Ihering, Darwin, Kant, Jules Simon, Bauer, Renan, Ewald, Strauss, Vacherot, Comte, vulgarizando os grandes poetas da época, debatendo os problemas vitais para a cultura, com profundo sentido humanista e científico.

O CONCURSO NA FACULDADE DE DIREITO

Tal foi a vida intelectual do mestre, que nasceu e viveu pobre, morreu quasi na caridade pública, pelas dificuldades que encontrou na sociedade, diante da sua renovação revolucionária de pensador, que convulsionou a inteligência brasileira. Mas atingiu as culminâncias da glória pelo romance de sua vida, pelo apostolado moral da sua existência de espírito rebelde e insubmisso às conveniências, que amou e venerou acima de tudo a verdade e a beleza artística acima dos interesses momentâneos da ocasião, e que, enfim, atingiu a luz resplandecente da glória nas névoas da imortalidade, que o engrandeceram perante a posteridade.

Esta glória, aliás, Tobias a conhece de perto e em vida, especialmente pela alta reputação literária e científica de que gozava no estrangeiro, diante de um Lange, de um Haeckel, de um Jules Simon, eleito mesmo professor honorário da Universidade de Heidelberg, com a sua biografia publicada em jornais e revistas alemãs.

Entretanto, é sobretudo com o seu memorável concurso prestado na Academia do Recife, em 1882, que o notável mestiço brasileiro envereda pelos caminhos da imortalidade. Os anais não conhecem notícia de justa acadêmica mais gloriosa, pelo brilho e repercussão dos debates, pela novidade dos temas ventilados, quando Tobias revelou, ante uma congregação de pro-

fessores atrasados, a pujança do seu espírito, o valor da ciência e da filosofia na solução dos problemas humanos, o desvio da setenta metafísica que ainda debatia ingênuamente a natureza sexual dos anjos e acreditava no diabo “en redingote”.

O mestiço veio fulgurando de Escada para quebrar os bonzos do seu tempo, quando a rotina abriu os olhos alvoraçados diante do mundo novo que vermelhejava com o notável pensador.

Gumercindo Bessa relata em termos entusiastas a vibrante emoção que abalou tôda a sociedade pernambucana, especialmente a mocidade acadêmica, com a ascensão do solitário de Escada à cátedra professoral. “A palavra mágica e arrebatadora de Tobias Barreto, traduzindo uma lógica inelutável e originalíssima, não é coisa que se descreva, que se exprima numa carta, — afirma Gumercindo Bessa numa epístola famosa dirigida a um seu amigo. E depois o vulto grandioso de Tobias ainda mais se destaca no quadro por efeito de um contraste palpável; imagina tu um gigante assentado no meio de quatro pigmeus, e terás a verdade do que vai sucedendo por aqui nesse célebre concurso. Na verdade, o que são Freitinhas, e outros *ejusdem furfuris* confrontados com Tobias? Figuras liliputianas. Avalia-se em mais de mil pessoas que têm afluído à sala dos graus não é exagêro”.

Graça Aranha, testemunha memorável do acontecimento, immortalizou, em páginas estuantes de encanto, o enbevecimento que lhe provocou o rumoroso concurso, que relata da seguinte maneira, em sua primorosa obra “O meu próprio Romance”: “Abrira-se o concurso para professor substituto da Faculdade. Foi o concurso de Tobias Barreto. Eu já havia iniciado os meus estudos na Academia. O que me ensinaram de filosofia do direito, eu não entendia. Era superior ao meu preparo, e professado sem clareza, sem o fluido da comunicação. José Higino, o pesado mestre spenceriano, nos enjoava e não o entendíamos. A

outra matéria era o direito romano, mais compreensível; porém que professor calamitoso era o velho e ridículo Pinto Junior! O concurso abria-se como um clarão para os nossos espíritos. A eletricidade da esperança nos inflamava. Esperávamos, inconcidentes, a coisa nova e redentora. Eu saí do martírio, da opressão para a luz, para a vida, para a alegria. Era dos primeiros a chegar ao vasto salão da Faculdade e tomava posição junto à grade, que separava a Congregação da multidão de estudantes. Imediatamente Tobias Barreto se tornou o nosso favorito. Para estimular essa predileção havia o apôio dos estudantes baianos ao candidato Freitas, baiano e cunhado do lente Seabra. Tobias, mulato desengonçado, entrava sob o delírio das ovações. Era para êle tôda a admiração da assistência, mesmo a da emperrada Congregação. O mulato feio, desgracioso, transformava-se na arguição e nos debates do concurso. Os seus olhos flamejavam, da sua boca escancarada, roxa, imóvel, saía uma voz maravilhosa, de múltiplos timbres, a sua gesticulação transbordante, porém sempre expressiva e completando o pensamento. O que êle dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira, e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros de que por ela nos transformávamos.

Êsses debates incomparáveis eram pontilhados pelas contínuas ovações que fazíamos ao grande revelador. Nada continha o nosso entusiasmo. A congregação, humilhada em seu espírito reacionário, curvava-se ao orador da mocidade impetuosa. Prosseguimos impávidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estávamos emancipando a mentalidade brasileira. Para mim, era tudo isto delírio. Era a alucinação de um Estado inverossímil que eu desejava, adivinhava, mas cuja realização me parecia sobrenatural. Tobias Barreto fêz a sua prova de preleção oral. O orador atingiu para a minha sensibilidade ao auge da eloquência. Quando terminou, recebeu a mais grandiosa mani-

festação dos estudantes, a cujo entusiasmo aderiram os lentes unânimes”.

A Faculdade de Direito tornou-se então ponto estratégico na irradiação da sua mensagem cultural, tão viva e profunda que criou uma escola de pensamento, a “escola do Recife”, prenunciadora de nova paisagem, que se abria para a inteligência brasileira, a mensagem da cultura, da nobreza, do ideal, da emancipação democrática e republicana, defendendo, por vezes, teses de conteúdo eminentemente socialista, como um homem do povo que lutou pela libertação da cultura nacional com arrôjo e dessassombro insuperáveis.

GLÓRIA FINAL DE TOBIAS

A fama da cultura do mestre teuto-sergipano propagou-se pelo estrangeiro com celeridade. Haeckel dizia que Tobias pertencia à raça dos grandes pensadores. Lange, o sábio filósofo europeu, assim lhe escrevia: “Há muito que tinha o desejo de dirigir-vos algumas linhas. Eu vos admiro, eu vos venero e isto na minha idade quer dizer alguma coisa, pois que a admiração e a veneração, que já se tem acumulado formam uma boa soma de turbidas experiências. Do meio do povo brasileiro, a quem eu estimo do mesmo modo que sois um amigo do povo alemão, vós sobressaís como um gigante do espírito”.

Graça Aranha reputava-o “o maior homem do Brasil até hoje, não excedido nem igualado por nenhum outro”. Hermes Lima declara que “... a cultura de Tobias foi admirável. No seu tempo e no meio brasileiro, ninguém talvez dominou melhor as idéias gerais, as tomadas de corrente do pensamento. Sem bibliotecas, sem preparação metodológica adequada para percorrer as províncias do conhecimento, pois que nada disto lhe pudera fornecer o ensino, entregue à própria curiosidade, ao seu instinto, ao irreprimível desejo de saber, foi, realmente,

conforme o divisou, fazendo-lhe justiça, a imaginação de Gilberto Amado, “uma fogueira ardendo no meio do deserto do Brasil, uma fogueira do espírito”.

O motivo da incomparável sedução de Tobias Barreto era a sua profunda ilustração, tão repassada de luminosa bondade. A prodigiosa abundância, finura e riqueza do seu pensamento, cheio de fôrça e originalidade, a lucidez intelectual, a graça, a limpidez fulgurante da inteligência, os raios espirituais da genialidade, dão-lhe figura resplandecente.

A sua energia pensante, poderosa e fecunda, fundida como que em bronze coríntio, nas mais elevadas qualidades morais, modelava uma alma branca e pura como o cristal, esplendidamente pura, mas talhada com a solidez do granito, de fortaleza moral incomparável.

Sem posição nem fôrça política, sem riqueza nem poder, mas amado pela multidão e pelo povo, que repetidas vezes lhe deu provas de carinho e estima, êle resumia no seu vasto espírito a mais rica soma da verdadeira cultura.

Era um monge do idealismo, que se propunha reconstituir a própria vida em tôda a sua beleza e dignidade, socialmente liberta de suas impurezas, para atingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Tobias tendia para uma mistura do cristianismo com a filosofia racional do pensamento moderno, procurando, por assim dizer, combinar o cristianismo primitivo, tão sensível na sua quietação luminosa para a bondade, desvestido de tôda aluvião eclesiástica e teológica, com as fontes excelsas do saber moderno, científico e racional, uma forte filosofia naturalista e sã, na compreensão da vida e na interpretação do mundo.

A paz filosófica, a suave paz intelectual penetrava em tôda a sua filosofia moral, no meio de tanta baixeza e miséria moral, pois êle bem compreendia o fim elevado e perfeito a que marcha o universo em sua evolução. Êle “sentia o mundo, atravez de tô-

das as aparências perversas, marchar sublimemente para o Bem, supremo e consolante momento da evolução do ser”.

“Tudo mostra uma tendência ascensional”, um “passo inevitável pelo caminho da fôrça criadora, afirma textualmente Tobias, em sua “Introdução ao Estudo do Direito”, e nessa idéia da fôrça criadora, encaminhando o mundo, a sociedade e o homem para a perfeição, reside a idéia nuclear de sua filosofia sintética, provocando finalmente êste “processo enorme de constante melhoramento e nobilitação da humanidade”.

O universo tem por fim supremo a Beleza, a Verdade, o Bem, como momentos finais de tôda a evolução. A lei moral dessa filosofia, de que Tobias deu um belo esbôço nas obras “Recordação de Kant” e “Notas a lapis sôbre a Evolução Emocional e Mental do Homem”, consiste em “renunciar a tudo quanto se limita a escravisar o espírito, — egoismo, paixões, vaidades, ambições, contingências, materialidades do mundo, — e em procurar a união do Espírito, assim libertado e limpo de todo o lodo terreno, com o seu tipo de perfeição”, que é a personificação da fôrça criadora. Essa união, em que a vontade humana se dissolve na unidade das fôrças cósmicas, “será tanto mais eficaz quanto mais completa fôr a renúncia a tudo o que é egoista, particular, individual... Em resumo, a lei moral do homem é o constante aperfeiçoamento e a progressiva santidade”.

O sol da razão, que é o pensamento, imortalizou-se em uma das sínteses mais perfeitas da inteligência e da bondade moral, que teve em Tobias Barreto, glorificado pela lenda, no passar do tempo, uma das suas fulgurantes corporificações materiais, como um verdadeiro sol da inteligência iluminando o mundo brasileiro, na alta conquista da sabedoria e da liberdade moral.